

Economia abaixo do potencial exige incentivo à demanda

*Por: Ricardo Barboza**

A recessão técnica não apareceu nos dados do PIB. Mas a fraqueza econômica ficou mais clara do que nunca. Vinte trimestres após o início da recessão, a atividade segue 4,8% abaixo do que era antes.

Os remédios que poderiam reverter essa situação são diversos. Uma vertente do debate tem focado nos remédios pelo lado da oferta, que aumentem o crescimento potencial do país.

É preciso fazer reforma tributária? Sim, pois o sistema tributário brasileiro é um dos dez mais complexos do mundo, segundo pesquisa do Banco Mundial com 190 países, o que gera ineficiências diversas.

É preciso abrir a economia para o comércio internacional? Sim, pois o Brasil é a segunda economia comercialmente mais fechada do planeta, ganhando apenas do Sudão.

É preciso avançar na agenda da educação (muito mal parada, diga-se de passagem)? Sim, pois a qualidade da nossa educação é terrível, tal como medida nas provas internacionais do PISA.

É preciso ampliar a competição bancária? Sim, pois o spread cobrado pelos bancos brasileiros é uma aberração em comparações internacionais, inclusive superior ao observado em países em guerra.

É preciso avançar na agenda de infraestrutura? Sim, pois os dados do Fórum Econômico Mundial sugerem que temos um atraso gritante nessa seara, sobretudo em rodovias e ferrovias.

É preciso avançar na agenda de privatizações? Sim, caso isso seja um desejo social e desde que o aparato regulatório do país melhore sensivelmente (ao contrário do que temos observado).

É preciso avançar na reforma administrativa? Sim, pois o que o Brasil gasta com funcionalismo (em % do PIB) é algo totalmente fora da curva entre países emergentes.

Enfim, certamente não são poucas as reformas necessárias para estimular o PIB potencial do país. Pelo contrário, no Brasil, um economista pode morrer de muitas causas, mas nunca de tédio!

A questão é que o PIB não depende apenas do PIB potencial. Ele depende também do chamado “hiato do produto”, dado pela distância entre o PIB efetivo e o PIB potencial.

E a notícia triste é que o hiato do produto brasileiro está imensamente negativo (-5,5%) há muito tempo (desde 2016!). Esse cenário requer remédios de demanda!

O que tem sido implementado nos últimos anos está claramente insuficiente para reverter a calamidade em que nos metemos. Em termos práticos, isso implica, em primeiro lugar, em quedas mais agressivas da taxa Selic.

Se as quedas da taxa Selic não se revelarem suficientes, teremos que rever nossas regras fiscais para destravar o investimento público. Além disso, é preciso reduzir a incerteza política, derivada de confusões que poderiam ser evitadas para o bem do país.

Do contrário, seguiremos acumulando frustração! Já dizia um grande economista que oferta sem demanda é que nem bater palmas com apenas uma mão. Precisamos mais do que nunca bater palmas para o PIB!

* Ricardo Barboza é Professor Colaborador da Coppead/UFRJ e Mestre em Macroeconomia pela PUC-Rio.

Publicado na Folha de São Paulo.